

A RELAÇÃO ENTRE VIAGEM, EDUCAÇÃO E IDENTIDADE PARA MÁRIO DE ANDRADE

Ricardo Elia de Almeida Magalhães

Mestrando em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Graduado em Comunicação Social - Cinema pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Dissertação de mestrado em andamento financiada por bolsa acadêmica do CNPq. Email: ricardoelia@gmail.com

RESUMO

Este trabalho investiga a relação estabelecida entre viagem e educação no livro “O Turista Aprendiz”, de Mário de Andrade, escrito na década de 1920, e em seu projeto educacional “Parques Infantis”, implementado na cidade de São Paulo na década de 1930. A pesquisa investiga a forma como Mário de Andrade concebeu suas viagens de uma perspectiva educacional e como em seu projeto educacional, o intelectual colocou em prática elementos assimilados durante as suas viagens. No fim da década de 1920, o autor fez duas viagens, uma para o Norte passando pelo Nordeste e outra para o Nordeste no Brasil. As suas impressões, concebidas como um diário de viagem e publicadas na década de 1970 com o título “O Turista Aprendiz”, buscam apreender a identidade brasileira, em suas múltiplas faces, através dos costumes e especificidades de cada local visitado. Na década de 1930, no período em que foi diretor do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, Mário de Andrade pôs em prática um projeto de educação infantil denominado “Parques Infantis”, no qual crianças realizavam atividades artísticas ao ar livre inspiradas em diversas manifestações culturais do Brasil. Assim, este trabalho tem importância pela atualidade do tema; busca ampliar o conhecimento acerca da História da Educação no Brasil; e nos permite refletir sobre assuntos de grande relevância para os dias de hoje referente às mobilidades, trocas culturais, identidade, diversidade, imaginação e projetos educacionais.

Palavras-chave: O Turista Aprendiz; Parques Infantis; Mário de Andrade; Modernismo; Cultura brasileira; Cultura popular; Educação.

THE RELATIONSHIP AMONG TRAVEL, EDUCATION AND IDENTITY IN MÁRIO DE ANDRADE’S PERSPECTIVE

ABSTRACT

This research intends to investigate the relationship between travel and education in Mário de Andrade's book, *O Turista Aprendiz*, written in the 1920s and in his educational project *Parques Infantis*, implemented in the city of São Paulo in the 1930s. Thus, the investigation intends to

investigate how Mário de Andrade conceived his trips from an educational perspective and how he materialized the elements assimilated during his trips in the project *Parques Infantis*. In the late 1920s, the leading author of modernism travelled two times, one to the North and Northeast regions of Brazil and the other to the Northeast. His impressions, recorded in a travel diary, published in the 1970s under the title *O Turista Aprendiz*, seek to capture Brazilian identity in its multiple faces through the customs and specificities of each place he visited. In the 1930s, when he was director of the Department of Culture of the city of São Paulo, Mário de Andrade conceived a kindergarten educational project called *Parques Infantis*, in which children performed artistic activities inspired by various Brazilian cultural manifestations. Thus, this work is important for its theme: it seeks to broaden knowledge about Brazilian History of Education and allows reflection on contemporary relevant issues, as mobility, cultural exchanges, identity, diversity, imagination and educational projects.

Keywords: *O Turista Aprendiz*; *Parques infantis*; Mário de Andrade; Modernism; Brazilian culture; Popular culture; Education.

LA RELACIÓN ENTRE VIAJE, EDUCACIÓN E IDENTIDAD PARA MÁRIO DE ANDRADE

RESUMEN

Este trabajo investiga la relación establecida entre viaje y educación en el libro “O Turista Aprendiz” (“El Turista Aprendiz”) de Mário de Andrade, escrito en la década de 1920, y en su proyecto educativo “Parques Infantiles”, implementado en la ciudad de São Paulo en la década de 1930. El trabajo investiga la manera en que Mário de Andrade concibió sus viajes desde una perspectiva educativa y como en su proyecto educativo, el intelectual puso en práctica elementos asimilados durante sus viajes. A finales de 1920, el autor realizó dos viajes, uno al norte y noreste y otro al noreste en Brasil. Sus impresiones, concebidas como un diario de viaje y publicadas en el 1970 con el título de “O Turista Aprendiz”, buscan aprehender la identidad brasileña, en sus múltiples rostros, a través de las costumbres y especificidades de cada sitio visitado. En el 1930, cuando fue director del Departamento de Cultura del Ayuntamiento de São Paulo, Mário de Andrade puso en marcha un proyecto de educación infantil llamado “Parques Infantiles”, en el que los niños realizaban actividades artísticas al aire libre inspirado en diversas manifestaciones culturales en Brasil. Por lo tanto, este trabajo es importante para el tema actual; busca ampliar el conocimiento sobre la historia de la educación en Brasil; y nos permite reflexionar sobre temas de gran relevancia para los días de hoy, los intercambios culturales, la identidad, la diversidad, la imaginación y los proyectos educativos.

Palabras-clave: El Turista Aprendiz; Parques Infantiles; Mário de Andrade; Modernismo; Cultura brasileña; Cultura popular; Educación.

Introdução

O interesse do escritor brasileiro Mário de Andrade (1893-1945) acerca de temas relacionados à educação e viagens foi expresso ao longo de sua vida e obra. Além de escritor, historiador das artes, musicólogo e diretor do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo na década de 1930, pode-se considerar que Mário foi também um educador.

No fim da década de 1920, o autor de destaque do modernismo fez duas longas viagens, uma para o Norte passando pelo Nordeste e outra para o Nordeste no Brasil. As suas impressões, concebidas como um diário de viagem e publicadas na década de 70 com o título “O Turista Aprendiz”, buscam apreender a identidade brasileira em suas múltiplas faces, através dos costumes e especificidades de cada local visitado.

De 1935 até 1938, período em que foi diretor do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, inspirado por suas viagens e reverberando práticas do movimento escolanovista, Mário de Andrade pôs em prática um projeto de educação infantil denominado “Parques Infantis”.

O contexto do projeto pedagógico Parques Infantis remonta a um período de intensas modificações urbanísticas nas principais cidades do Brasil, trazendo à luz ideais republicanos como nacionalismo, valorização do esporte e da atividade física além de uma perspectiva higienista. No campo artístico, o movimento modernista propunha o direito à pesquisa estética, atualização da inteligência artística brasileira e estabilização de uma consciência artística nacional. A relação entre a Semana de 22, marco do movimento, com o sentimento de brasilidade, está na própria data em que ocorreu (1922), em meio aos festejos dos 100 anos de Independência do Brasil.

O movimento modernista brasileiro pregou o universalismo a partir da singularidade e buscou tecer um conceito de identidade brasileira em que a diversidade constituiu-se como qualidade e não como entrave para o desenvolvimento. Afirmando que não se podia falar em “civilização” mas sim em “civilizações”, Mário de Andrade propõe um abasileiramento da nossa gente, que devia deixar de imitar os costumes e modas europeias para criar seu próprio *ethos*, afirmando as especificidades culturais locais:

Os tupis nas suas tabas eram mais civilizados que nós nas nossas casas de Belo Horizonte e São Paulo. Por uma simples razão: não há civilização. Há civilizações. (...) Nós só seremos civilizados em relação às civilizações o dia em que criarmos o ideal, a orientação brasileira. Então passaremos de fase do mimetismo, pra fase da criação. E então seremos universais, porque nacionais. (ANDRADE, 1982, p. 15).

Mário de Andrade fez duas longas viagens, no final da década de 1920. A primeira para o Norte passando pelo Nordeste, em 1927, que denominou como “Viagens pelo Amazonas até o Peru, pelo Madeira até a Bolívia e por Marajó até dizer chega”. A segunda, “Viagem etnográfica”, foi feita em 1928, pelo Nordeste. Registrou as expedições em um diário que viria a ser publicado em formato de livro em 1976, 31 anos após a sua morte. Esses apontamentos revelam as suas reflexões sobre a identidade nacional, sobre o ato de viajar, sobre a percepção do “outro”, brasileiro como ele, porém tão diferente da sua realidade de intelectual urbano do século XX. Uma perspectiva que une registro de viagem, ficção e humor marca o tom do seu texto no livro “O Turista Aprendiz”.

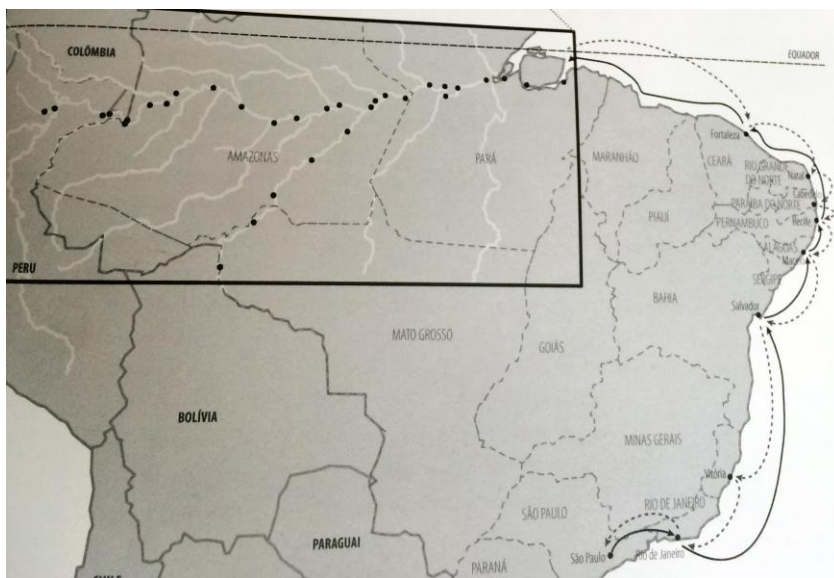


Figura 1- Mapa da rota da primeira viagem de Mário de Andrade pelo Norte e Nordeste, em 1927.

Fonte: O Turista Aprendiz, Iphan, 2015, página 395.

Após construir seu conceito de identidade brasileira de forma lúdica e inventiva no referido livro, o intelectual concebeu um projeto educacional em que considerou a criança como produtora de cultura, baseando-se na diversidade cultural do Brasil.

Os Parques Infantis

O projeto dos Parques Infantis era composto por um viés assistencialista mas também por uma linha educativa e ousada. Em terrenos públicos, pequenas edificações construídas em amplos espaços abertos contavam com pátio, piscina, tanque de areia, aparelhos para ginástica, salas de atividades (ABDANUR, 1994, p.268). Estes espaços recebiam gratuitamente crianças de 3 a 12 anos, que eram estimuladas a participar de atividades artísticas inspiradas em diversas manifestações culturais do Brasil, além de receberem assistência de saúde e alimentação. Cada unidade tinha capacidade para 400 pessoas. Os Parques eram frequentadas principalmente por filhos de operários residentes na capital paulista.

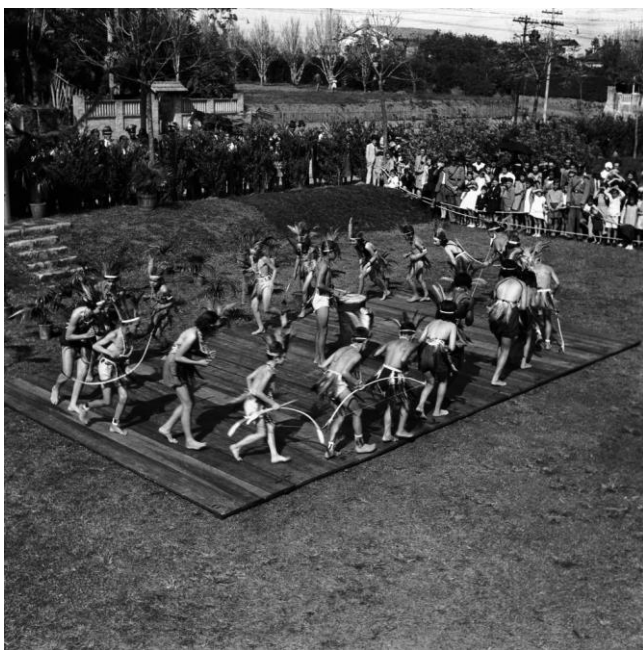


Figura 2 – Benedito Junqueira Duarte, Dança indígena na festa de inauguração do Parque Infantil de Santo Amaro, Ceci e Peri, 1938.

Fonte: <http://www.itaucultural.org.br/ocupacao/mario-de-andrade/exercicio-cotidiano-de-vida>

O escritor e jornalista do Jornal do Commercio, de Recife, Waldemar de Oliveira, ex-chefe de Higiene Escolar da capital pernambucana, registrou da seguinte forma suas impressões sobre os Parques Infantis paulistanos, em texto publicado na Revista do Arquivo Municipal de São Paulo (1937):

(..) uma obra sem similar na América do Sul (...). Não são os parques de ginástica de Buenos Aires, muito menos os rincones de Montevideu (...). entre esse serviço e o escolar, nenhum traço de conexão. São duas coisas inteiramente independentes. O Parque está, assim aberto para qualquer criança que lhe queira transpor as portas acolhedoras (...) Num amplo salão, realizam-se, de vez em quando, ligeiras sessões artísticas em que se toca, se dança, se representa. A um canto, vejo uma Nau Catarineta em miniatura; já serviu a um bailado infantil. Perto, um sapateador expõe a dois ou três gurus os segredos de sua arte (...). Há gurus de quatro anos, meninos de oito anos, meninas de dez anos com “maillots” próprios da idade. Uma algazarra infernal. (OLIVEIRA. In: FARIA, 1999, p.126).

Os Parques Infantis idealizados por Mário de Andrade e implementados a partir de 1935 podem ser considerados como a origem da rede de educação infantil paulistana (FARIA, 1999, p. 61). Porém, a proposta destes espaços públicos, que funcionavam em tempo integral, não era escolarizante. As crianças não eram separadas em classes por idade. No espaço dos parques, tinham a oportunidade de conviver com a natureza, autonomia para brincar e socializar, expressar-se artisticamente (escultura, pintura, recorte, música, dança, teatro) e vivenciar a diversidade cultural brasileira. Os três objetivos destes espaços podiam ser definidos como: educar, assistir e recrear.

Os registros visuais deste projeto pedagógico foram produzidos em sua maioria pelo fotógrafo Benedito Junqueira Duarte, que foi o primeiro fotógrafo-funcionário a atuar na Prefeitura de São Paulo. Benedito fez mais de 300 fotografias sobre os Parques Infantis, durante a década de 1930. Destas, 64 foram reunidas no álbum *Parques Infantis*, organizado pela Prefeitura de São Paulo com o intuito de registrar e difundir este projeto.



Figura 3 – Benedito Junqueira Duarte, Parque Infantil Pedro I, 1937.

Fonte: <http://colecaopirellimasp.art.br/autores/135/obra/479>



Figura 4 – Benedito Junqueira Duarte, Vista da plateia de uma peça de teatro no Parque Infantil da Lapa, 1937.

Fonte: <http://www.itaucultural.org.br/ocupacao/mario-de-andrade/exercicio-cotidiano-de-vida/>

A arte tinha um papel central nas atividades dos Parques. Mário de Andrade teve grande interesse pelas artes em geral e coletou ao longo de sua vida cantigas e lendas do Norte e Nordeste, além de ter sido crítico de arte. Em impressos, escreveu sobre os mais diversos campos artísticos: literatura, música e cinema de animação. Em carta escrita para Henriqueta Lisboa, na década de 1940, afirmava: “Você já pensou que a arte, como a religião, como a política, a medicina ou a eletricidade, é uma ocupação, uma realização cotidiana? Mas afirmo, se faço arte é no exercício de um direito de vida.” (GOBBI, 2013).

Além de “um direito de vida”, a arte para Mário de Andrade estava estreitamente ligada à coletividade, sendo uma “expressão interessada da sociedade” (ANDRADE, 1972, p. 252). Produzir beleza não deveria ser a única finalidade da arte, que deveria principalmente exercer uma função social. Segundo o autor:

(...) arte não se resume a altares raros de criadores genialíssimos. Não foi no Egito, não foi na Idade Média, não o foi na Índia nem no Islam. Talvez não o seja, para maior felicidade nossa, na Idade Novíssima que se anuncia. A arte é muito mais larga, humana e generosa do que a idolatria dos gênios incondicionais. Ela é principalmente comum. (ANDRADE, 1963, p. 417).

O próprio escritor participou da capacitação dos professores que trabalharam nos parques e algumas das principais instruções de conduta eram não moralizar as histórias folclóricas e não interferir quando as crianças estivessem desenhando (GOBBI, 2013). O fazer artístico era estimulado junto com a fruição do jogo e da brincadeira, práticas de identidade, que não estavam vinculadas ao mundo do trabalho. Em espaços amplos, a interação autônoma entre as crianças era estimulada, além do contato com tradições populares diversas. A ideia era propor aos participantes um processo artístico de autonomia e diversão, de ócio criativo, uma prática “macunaímica” (KUHLMANN JÚNIOR, 2002, p. 15).

O conceito de brincar pode ser analisado sob uma perspectiva teórica. Segundo Maturana e Verden-Zöllner, o ato está centrado na fruição do presente:

O brincar não tem nada a ver com o futuro. Brincar não é uma preparação para nada, é fazer o que se faz em total aceitação, sem considerações que neguem sua legitimidade. Nós adultos, em geral não brincamos, e frequentemente não o fazemos quando afirmamos que brincamos com nossos filhos. Para aprender a brincar, devemos entrar numa situação na

qual não podemos senão atentar para o presente. (MATURANA e VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 234).

A criança para Mário de Andrade

Mário de Andrade concebia a criança como um ser sensível, maleável e que utiliza indiferentemente todos os meios de expressão artística. Esta concepção coaduna-se com a proposta pedagógica dos Parques Infantis e reverbera uma noção de infância compartilhada por pensadores contemporâneos a ele, como o psicólogo russo Lev Vigotski (1896-1934). Ambos concebiam a ideia da criança como um ser inventivo, produtor de cultura, com autonomia cultural, portador de direitos.

Segundo Mário de Andrade:

A criança é essencialmente um ser sensível à procura de expressão. Não possui ainda a inteligência abstradeira completamente formada. A inteligência dela não prevalece e muito menos não alumbra a totalidade da vida sensível. Por isso ela é muito mais expressivamente total que o adulto. Diante duma dor: chora – o que é muito mais expressivo do que abstrair: “estou sofrendo”. A criança utiliza-se indiferentemente de todos os meios de expressão artística. Emprega a palavra, as batidas do ritmo, cantarola, desenha. Dirão que as tendências dela inda não se afirmaram. Sei. Mas é essa mesma vagueza de tendências que permite pra ela ser mais total. E aliás as tais tendências muitas vezes provêm da nossa inteligência exclusivamente. (ANDRADE, 1929, p.82).

Lev Vigotski, psicólogo russo que dedicou sua vida a estudar o comportamento infantil, abordou o tema da brincadeira em seus livros, conferindo a ela um status semelhante ao ensino-aprendizado, na relação de interdependência com o desenvolvimento (VASCONCELOS, 2015, p. 150). Em contraposição, na história da escola brasileira, de forma geral, a brincadeira usualmente é entendida como tempo não produtivo. Quando está incluída no currículo, é muito comum a tentativa dar a ela um sentido prático e utilitário.

Essa proposta de incluir a brincadeira como atividade nos Parques Infantis relaciona-se com o tom do registro sobre as viagens de Mário de Andrade, presente no seu diário “O Turista Aprendiz”.



Figura 5 – Fotografia de Mário de Andrade, feita durante em sua viagem para a Amazônia. Alto Solimões, 17 de junho de 1927.

Fonte: CD-ROM – Os Diários do Fotógrafo. Contido no livro “O Turista Aprendiz”, Iphan, 2015.

A forma como o autor descreve suas experiências pelo interior do Brasil revela uma profunda ênfase na subjetividade, em sua própria vivência na interação com o “outro”, em que a alteridade está sempre em jogo. Como nestes dois trechos:

Nesta noite provei sorvete de graviola. Esquisito... a graviola tem gosto de graviola mesmo, isso é incontestável, mas não é um sabor perfeitamente independente. É antes uma imagem, uma metáfora, uma síntese apressada. É a imagem de todas essas ervas, frutas condimentares que, insistindo são profundamente enjoativas. Não chega a ser ruim, mas irrita. Aliás, o guaraná daqui, pelo menos o que provei, tem um gosto vazio, fica-se na mesma. (ANDRADE, 2015, p. 94).

Aqui, falam sempre jogar “n’ água”. Nós lá no sul falamos jogar “no lixo”, jogar “na rua”. É natural. Aqui a criançada vive n’água, cada um tem o seu casquinho, todos molhados. No sul, nem bem o filho chega perto do lavatorinho, a mãe logo se assusta:

- Menino! você se molha!

Imagino as mães por aqui, quando os filhos brincam com terra, ao sol, gritando logo:

- Menino! você se enxuga! (ANDRADE, 2015, p. 148).

Esta curiosidade e abertura em relação ao outro relaciona-se com a ênfase dada à brincadeira nos Parques Infantis. Por envolver sociabilidade, deslocamento de contexto e co-construção de experiências, a brincadeira infantil permite a criação de novos sentidos pessoais e significados compartilhados. Esta reflexão sobre o lugar da brincadeira na educação pode ser enriquecida tendo em vista a distinção entre sentido e significado na linguagem verbal, segundo Vigotski. Para o autor, o sentido de uma palavra predomina sobre o seu significado, tendo como base a perspectiva do psicólogo francês F. Pauhlan:

(...) o sentido de uma palavra é a soma de todos os eventos psicológicos que a palavra desperta em nossa consciência. É um todo complexo, fluido e dinâmico, que tem várias zonas de estabilidade desigual. O significado é apenas uma das zonas de sentido, a mais estável e precisa. Uma palavra adquire o seu sentido no contexto em que surge; em contextos diferentes, altera o seu sentido. O significado permanece estável ao longo de todas as alterações do sentido. O significado dicionarizado de uma palavra nada mais é do que uma pedra no edifício do sentido, não passa de uma potencialidade que se realiza de formas diversas na fala. (VIGOTSKI, 2008, p. 181).

Baseado nesta definição, percebe-se que o sentido é muito mais amplo do que o significado, pois relaciona-se com a subjetividade e a bagagem de experiências vivenciadas pelo sujeito. Segundo Namura (2003, p. 185), “o sentido de uma palavra nunca é completo, é determinado, no fim das contas, por toda a riqueza dos momentos existentes na consciência”.

Nos Parques Infantis, através de múltiplas atividades lúdico-culturais, percebe-se a busca de desenvolver a singularidade de cada criança. Estimular a produção de desenhos infantis, como Mário de Andrade fez, foi estimular a expressão da subjetividade das crianças, pois acreditava que a educação passava também pelo desenvolvimento próprio e não somente pela padronização irrestrita. Neste contexto, as crianças foram consideradas produtoras de cultura e não apenas consumidoras. Os desenhos também eram utilizados para traçar um panorama de quem eram aquelas crianças que frequentavam os Parques e foram guardados pelo escritor em seu acervo.

Mário de Andrade, em um trecho de sua obra “O Turista Aprendiz”, discordando da comparação feita entre os desenhos de Cicero Dias, pintor modernista brasileiro, e desenhos infantis, escreve:

Criança é vida, da mesma forma que manga ou tico-tico. Anão é “fenômeno” no sentido popular da palavra. (...) Já falei uma vez e repito: se uma vez por outra a criança desenha uma obra-prima isso é acaso raro. No geral os desenhos infantis sob o ponto de vista da arte são perfeitamente idiotas e nos interessam por valores que nada têm de plásticos e estéticos. (ANDRADE, 2015, p. 251).

Estes outros valores - que não são de natureza plásticas ou estéticas - possivelmente foram trabalhados nas atividades e propostas dos Parques Infantis. E talvez buscavam dialogar com o “sentido”, com a subjetividade das crianças, mais do que capacitar habilidades mais visíveis e concretas, sedimentadas no significado.

Em “O Turista Aprendiz”, a descrição dos costumes, músicas e festejos estão entremeadas por devaneios e invenções do escritor. Mário de Andrade, em uma passagem, descreve uma tribo indígena que comunica-se através de notas musicais, ao invés de palavras. Trata-se da tribo dos “índios dó-mi-sol”. Ao longo da obra, o registro da “colheita” de material de campo é feito de maneira poética, mas também com cunho científico. De forma análoga, nos Parques Infantis, as subjetividades das crianças eram valorizadas e estimuladas, sem omitir uma abordagem científica, expressa principalmente no cuidado com a alimentação e nos procedimentos médico-sanitários realizados nos Parques.

Em outro trecho do livro “O Turista Aprendiz”, ao abordar o tema da “tradição”, o autor estabelece um contraponto que nos ajuda a compreender as ideais que reverberam em sua proposta pedagógica:

Dizem que sou modernista e... paciência! O certo é que jamais neguei as tradições brasileiras, as estudo e procuro continuar a meu modo dentro delas. É incontestável que Gregório de Matos, Dirceu, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Euclides da Cunha, Machado de Assis, Bilac ou Vicente de Carvalho são mestres que dirigem a minha literatura. Eu os imito. O que a gente carece é distinguir tradição e tradição. Tem tradições móveis e tradições imóveis. Aquelas são úteis, têm importância enorme, a gente as deve conservar talqualmente estão porque elas se transformam pelo simples fato da mobilidade que têm. Assim por exemplo a cantiga, a poesia, a dança populares. As tradições imóveis não evoluem por si mesmas. Na infinita maioria dos casos são prejudiciais. Algumas são perfeitamente ridículas que nem a “carroça” do rei da Inglaterra. Destas a gente só pode aproveitar o espírito, a psicologia e não a forma objetiva. (ANDRADE, 2015, p. 297).

Ao defender as tradições móveis, Mario valoriza a subjetividade humana, que modifica, interage, molda, subtrai e adiciona. Não é por acaso seu interesse por cultura

popular, e grande parte do seu trabalho como pesquisador foi colher cantigas e tradições do interior do Brasil, registrá-las e difundí-las. Estas tradições móveis – a cantiga, a poesia, as danças populares – são práticas de identidade. Podem ser ressignificadas a todo instante e estão ao alcance dos cidadãos comuns, como a brincadeira e a cultura popular estavam ao alcance das crianças paulistanas nos Parques Infantis.

Ao estimular a produção artística de crianças da capital paulista, Mário de Andrade realizava metaforicamente sua intenção de “afirmação do nacional”, do elemento “local” para construção da identidade brasileira. Nada mais natural do que começar pelas crianças esse trabalho de abasileiramento da cultura nacional. Em carta para Carlos Drummond de Andrade, sem data, Mário escreve:

Você faça um esforcinho para abasileirar-se. Depois se acostuma, não repara mais nisso e é brasileiro sem querer. Ou ao menos se não formos nós já completamente brasileiros, as outras gerações que virão, paulatinamente desenvolvendo o nosso trabalho, hão de levar enfim esta terra à sua civilização. Como você vê eu formulo votos, tenho esperança sem vergonha nenhuma. Tenho grande orgulho disso. Rio de todas as civilizações, porque já tenho a minha pessoal. (ANDRADE, 1982, p. 16).

Esta política pública de educação, voltada para filhos de operários, trouxe para a capital de São Paulo os festejos, costumes e músicas que Mário de Andrade vivenciou e colheu no Norte e Nordeste. Em um momento em que a identidade nacional estava no centro dos debates, propiciou um encontro – subjetivo, específico, particular – de identidades brasileiras que pouco interagiam entre si. Ao assimilar a brincadeira e a produção artística infantil nas atividades dos Parques Infantis, trouxe para o campo da educação esta perspectiva “móvel”, “maleável”, baseada na curiosidade e no interesse pelo outro, que relaciona-se com seu devir de viajante registrado no livro “O Turista Aprendiz”.

Nacionalismo universalista

A concepção de Mário de Andrade sobre o conceito de “tradição”, longe de ser conservadora, pode ser melhor compreendida através deste trecho de autoria de um contemporâneo seu, o artista italiano Bruno Munari (1907-1998), no livro intitulado “Fantasia”:

A cultura popular é uma manifestação contínua de fantasia, criatividade e invenção. Os valores objetivos destas atividades são acumulados naquilo que se chama tradição, técnica ou arte, como se queira. E estes valores são continuamente aferidos por outros actos de fantasia e de criatividade e, portanto, substituídos quando se mostram ultrapassados. Assim, a tradição é a soma, em contínua transformação, dos valores objetivos úteis para as pessoas. Limitar-se a repetir um valor, sem fantasia, não significa continuar a tradição, mas travá-la, fazê-la morrer. A tradição é a soma dos valores objetivos da colectividade e a colectividade deve renovar-se continuamente, se não quiser depauperar-se. (MUNARI, 1997, p. 39).

Esta renovação a que se refere o trecho foi buscada incessantemente por Mário de Andrade, em suas viagens e em seu projeto pedagógico. Talvez seja a chave para a compreensão da sua atuação tanto na arte como na política brasileira. Renovação do olhar sobre o Brasil em seu devir de viajante, renovação da visão sobre crianças e educação, através dos Parques Infantis, renovação sobre a concepção do que é ser brasileiro, através do seu trabalho de escritor, de artista, de político.

Nas correspondências entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, entre 1924 e 1945, reunidas no livro “A lição do amigo” (1982), pode-se atestar a preocupação do escritor em inserir o Brasil no conjunto das nações civilizadas. “O que nós todos queremos (o que pelo menos imagino que todos queiram) é obrigar este velho e imoralíssimo Brasil dos nossos dias a incorporar-se ao movimento universal das ideias.” (ANDRADE, 1982, p. 14).

Esta inserção, a exemplo dos escritores românticos europeus, foi buscada aonde acreditava-se residir a essência de uma nação: nas camadas populares. Cantos, danças e costumes populares foram revisitados e ressignificados, constituindo-se a base para moldar a ideia de identidade brasileira.

A Semana de Arte Moderna, ocorrida em 1922 reuniu artistas como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti. Diferentes representantes de campos artísticos como a literatura e as artes plásticas manifestaram o intuito de produzir uma arte com traços nacionais. A Semana de 22 também pode ser encarada como marco do despertar de uma consciência funcional da inteligência brasileira (CANDIDO, 2008, p. 84).

No início do século XX, o mundo vivia os horrores da primeira grande guerra (1914-1918) e as discussões sobre nacionalismo e universalismo estavam em foco. Em suas cartas para o amigo e também escritor Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade refletiu sobre as diferentes concepções do termo “nacionalismo”:

O que há é mau nacionalismo: o Brasil pros brasileiros – ou regionalismo exótico. Nacionalismo quer simplesmente dizer: ser nacional. O que mais simplesmente ainda significa: Ser. Ninguém que seja verdadeiramente, isto é, viva, se relacione com o seu passado, com as suas necessidades imediatas práticas e espirituais, se relacione com o meio e com a terra, com a família, etc., ninguém que seja verdadeiramente deixará de ser nacional. O despaisamento provocado pela educação em livros estrangeiros, contaminação de costumes estrangeiros por causa da ingênita macaqueação que existe sempre nos seres primitivos, ainda, por causa da leitura demasiadamente pormenorizada não das obras-primas universais dum outro povo, mas das suas obras menores, particulares, nacionais, esse despaisamento é mais ou menos fatal, não há dúvida num país primitivo e de pequena tradição como o nosso. pois é preciso desprimitivar o país, acentuar a tradição, prolongá-la, engrandecê-la.

(...)

De que maneira nós podemos concorrer pra grandeza da humanidade? É sendo franceses ou alemães? Não, porque isso já está na civilização. O nosso contingente tem de ser brasileiro. O dia em que nós formos inteiramente brasileiros e só brasileiros a humanidade estará rica de mais uma raça, rica duma nova combinação de qualidades humanas. As raças são acordes musicais. Um é elegante, discreto, cético. Outro é lírico, sentimental, místico e desordenado. Outro é áspero, sensual, cheio de lambanças. Outro é tímido, humorista e hipócrita. Quando realizarmos o nosso acorde, então seremos usados na harmonia da civilização. Me compreende bem? (ANDRADE, 1982, p. 14-15).

Acentuar a tradição significava conhecê-la e interagir com ela, as tais tradições móveis já mencionadas. Para Mário de Andrade, parece que o nacionalismo não devia ser visto como uma barreira mas, pelo contrário, como uma ponte para adentrar no conjunto das nações civilizadas do mundo. Enquanto o Brasil não encontrasse a sua própria identidade e continuasse a “macaquear” costumes de outros países, não seria aceito nesse conjunto, não seria “usado na harmonia da civilização”. Os conceitos de civilização e identidade aparecem aí relacionados e a busca pela identidade nacional será direcionada para o interior do país mirando o reconhecimento das “tradições móveis”: festas, músicas, danças, manifestações artísticas em geral.

As duas viagens feitas por Mário de Andrade no final da década de 1920, narradas no livro “O Turista Aprendiz”, são parte fundamental desta pesquisa em busca da identidade brasileira. No texto, carregado de análises etnológicas, aparece clara a busca de reunir traços que nos caracterizem enquanto “povo brasileiro”. Podemos ver um esboço desta síntese no trecho abaixo:

Não achava o caboclo amazonense com instinto religioso não. Era no geral indiferente e carecia trata-lo com muito cuidado, senão se arredava da missa. (...) Farinha um pouco, cachaça muito e está feliz. Tem filho à beça. E não carece de nada mais. Mais feliz que vocês, civilizados. Mas alguns têm umas festas horríveis. (...) Mas certas “classes” de caboclos têm uma festa, por exemplo, chamada de Moça Nova (olhei pras meninas me rindo), que nem se descreve! (ANDRADE, 2015, p. 114).

Outras pistas sobre o que seria e onde encontrar esta “identidade nacional”, podem ser encontradas neste outro trecho do mesmo livro:

Não sei, quero resumir minhas impressões desta viagem litorânea por Nordeste e Norte do Brasil, não consigo bem, estou um bocado aturdido, maravilhado, mas não sei... Há uma espécie de sensação ficada de insuficiência, de sarapatinação, que me estraga todo o europeu cinzento e bem arranjadinho que ainda tenho dentro de mim. Por enquanto, o que mais me parece é que tanto a natureza como a vida destes lugares foram feitos muito às pressas, com excesso de castro-alves. E esta pré-noção invencível, mas invencível, de que o Brasil, em vez de se utilizar da África e da Índia que teve em si, desperdiçou-as, enfeitando com elas apenas a sua fisionomia, suas epidermes, sambas, maracatus, trajes, cores, vocabulários, quitutes... E deixou-se ficar, por dentro, justamente naquilo que, pelo clima, pela raça, alimentação, tudo, não poderá nunca ser, mas apenas macaquear, a Europa. Nos orgulhamos de ser o único grande (grande?) país civilizado tropical... Isso é o nosso defeito, a nossa impotência. Devíamos pensar, sentir como indianos, chins, gente do Benin, de Java... Talvez então pudéssemos criar cultura e civilização próprias. Pelo menos seríamos mais nós, tenho certeza. (ANDRADE, 2015, p. 67).

Sua preocupação em consolidar as bases de uma língua “brasileira”, que se diferenciava na grafia e na pronúncia do português de Portugal inserem-se neste plano de afirmação de um *ethos* nacional. A “Gramatiquinha da Fala Brasileira”, por exemplo, foi um livro inacabado do escritor, que buscava sistematizar normas e regras gramaticais da fala brasileira.

É importante frisar que esta busca, por “sermos mais nós”, foi preocupação de toda uma geração da primeira metade do século XX, e não apenas de Mário de Andrade. Neste contexto, o fazer artístico configurava-se como ferramenta primordial na pesquisa em direção à “brasilidade”. A rede de sociabilidade de Mário de Andrade era formada por nomes como Gustavo Capanema, Paulo Duarte, Fábio Prado, Luis da Câmara Cascudo, Ascenso Ferreira, Carlos Drummond de Andrade. Todos envolvidos ou com arte ou com política ou com arte e política.

A importância da coletividade foi sempre muito destacada pelo escritor, em livros, cartas, artigos de jornal. Ele cultivava o contato com muitos intelectuais pelo Brasil e correspondeu-se através de cartas com inúmeras pessoas ao longo de sua vida. Segundo Antonio Candido:

Se um jovem dos confins do Piauí lhe escrevesse, contando experiências literárias, chorando mágoas, pedindo conselhos ou simplesmente livros, Mário se absorvia totalmente no problema do moço desconhecido, pensava nele, imaginava soluções e lhe mandava uma resposta de dez páginas, a cuja leitura o rapazinho se sentia de repente dignificado, compreendido, consolado, estimulado ou socorrido. Tinha o culto da solidariedade humana, e só se entenderá a sua obra levando isto em conta. Pode-se dizer que o esforço dominante da sua última fase consistiu em descobrir a maneira por que os seus escritos poderiam mais fácil e eficientemente servir. A publicação das cartas desse período mostrará o papel que teve na formação duma certa consciência funcional da inteligência brasileira. (CANDIDO, 2008, p. 83-84).

Conclusão

Esta preocupação com a coletividade, com a solidariedade humana, relaciona-se ao fato de Mário de Andrade ter concentrado boa parte de suas pesquisas nas artes populares. Neste tipo de arte, geralmente a ideia de autor está diluída. O artista não é mais importante que a própria arte, ao contrário do que ocorria no século XX com as artes de maneira geral. Como diz Mário de Andrade na sua aula inaugural denominada “O artista e o artesão”, dos cursos de Filosofia e História da Arte do Instituto de Artes da Universidade do Distrito Federal, em 1938:

Há uma incongruência bem sutil em nosso tempo. Na história das artes, estamos num período que muito parece ter pesquisado e que, no entanto, é dos mais afirmativos, dos mais vaidosos, dos menos humildes diante da obra de arte. Há, por certo, em todos os artistas contemporâneos, uma desesperada, uma desapoderada vontade de acertar. Mas a inflação do individualismo, a inflação da estética experimental, a inflação do psicologismo, desnorream o verdadeiro objeto da arte. Hoje, o objeto da arte não é mais a obra de arte, mas o artista. E não poderá haver maior engano. (ANDRADE, 1963, p.32).

Como já mencionado neste artigo, para Mário de Andrade a arte tinha uma função social e sua atuação como artista e político foi de extrema importância para que os bens culturais simbólicos produzidos no Brasil pelas camadas populares fossem reconhecidos enquanto “marcas” da identidade nacional. Convidado por Gustavo Capanema, Mário de Andrade elaborou um anteprojeto em 1936 que deu origem ao SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), criado por decreto presidencial em 1937. O SPHAN foi posteriormente denominado IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e

Artístico Nacional), como o conhecemos até hoje. A arte nacional concebida como um patrimônio do país é, portanto, uma herança deixada por Mário de Andrade e por outros pensadores e políticos brasileiros, como Gustavo Capanema, Alceu Amoroso Lima e Rodrigo Melo Franco de Andrade.

Podemos analisar o trabalho do escritor através dos conceitos contidos no título deste artigo: viagem, educação e identidade. Seu olhar curioso, aberto, descontraído em relação ao outro é análogo ao olhar da criança e do viajante, para os quais a novidade é vista com entusiasmo como uma oportunidade de aprendizado. O próprio título do seu livro “O Turista Aprendiz” estabelece esta relação entre viagem e educação; um turista que aprende. Ao longo de sua vida, Mário de Andrade viajou diversas vezes pelo Brasil com um olhar etnográfico, de pesquisa. Chama a atenção em sua biografia o fato de que o prestigiado escritor nunca tenha visitado a Europa.

É possível verificar pontos de contato entre a maneira que Mário de Andrade relatou suas experiências de viajante pelo Brasil no livro “O Turista Aprendiz” e as características do seu projeto “Parques Infantis”, implementado na década de 1930 na cidade de São Paulo. São eles: ênfase na coletividade, no sensorial, no imaginário, na diversidade e valorização da arte como prática de identidade. É simbólico que tenha elaborado um projeto educacional com foco em crianças de 3 a 12 anos, em sua maioria filhos de operários residentes na capital paulista. E podemos entender este projeto pedagógico como um esforço para a consolidação da ideia de identidade brasileira entre as crianças e jovens.

Mário de Andrade encara a identidade brasileira justamente como uma “criança”, “maleável”, “em formação”, se comparada às identidades nacionais dos países europeus, por exemplo. O Brasil, portanto, país jovem em termos de tradições e marcas culturais próprias, devia se abrigar através das gerações mais novas.

Pode-se perceber que o direcionamento pedagógico do projeto “Parques Infantis” assume as subjetividades das crianças como matéria-prima formadora desta ideia de identidade brasileira. Os desenhos infantis produzidos nos Parques, por exemplo, continham os nomes, gêneros e nacionalidades dos autores. Mário de Andrade colecionou desenhos infantis ao longo de sua vida e chegou a reunir mais de 2 mil exemplares em seu acervo (GOBBI, 2013). Nas atividades dos Parques Infantis, o ato de desenhar não era apenas um exercício para ocupar o tempo das crianças enquanto os pais estavam no trabalho. Configurava-se em prática de identidade. A partir do desenvolvimento das individualidades, do estímulo à subjetividade das crianças, o coletivo desenvolveria-se, e a

a ideia de “ser brasileiro” tornaria-se mais palpável. Tal qual no texto do livro “O Turista Aprendiz”, Mário de Andrade valoriza a fantasia e a subjetividade na construção da identidade brasileira.

Referências bibliográficas

ABDANUR, Elizabeth. Parques infantis de Mário de Andrade. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, n. 36, p. 263-270, 1994.

ANDRADE, Mário de. A Lição do Amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982.

ANDRADE, Mário de. Aspectos da literatura brasileira. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1972.

ANDRADE, Mário de. Compêndio da História da Música. São Paulo: Chirato, 1929.

ANDRADE, Mário de. O baile das quatro artes. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1963.

ANDRADE, Mário de. O Turista Aprendiz; edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Telê Ancona Lopez, Tatiana Longo Figueiredo; Leandro Raniero Fernandes, colaborador. Brasília: Iphan, 2015.

CANDIDO, Antonio. O Observador Literário. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.

FARIA, Ana Lucia G. Educação pré-escolar e cultura. Campinas: Unicamp/Cortez, 1999.

GOBBI, Márcia; RUBINO, Silvana; VALENTINI, Luísa. Mário de Andrade e os Parques Infantis. São Paulo: Itaú Cultural, 2013.

KUHLMANN JÚNIOR, M. Prefácio In: FARIA, A. L. G. *Educação pré-escolar e cultura*. São Paulo: Cortez, p.9-15, 2002.

MATURANA, Humberto; VERDEN-ZÖLLER, Gerda. Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano - do patriarcado à democracia. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MUNARI, Bruno. Fantasia. Lisboa: Edições 70, 1997.

NAMURA, M^a R. O sentido do sentido em Vigotski: uma aproximação com a estética e a ontologia do ser social de Lukács. Tese de Doutora da Pontifícia Universidade Católica/SP, 2003.

VASCONCELLOS, Vera M. R. de; SANTOS, Núbia Csaper in LEITE, Miriam S; GABRIEL, Carmem Teresa (org). Linguagem, Discurso, Pesquisa e Educação. Rio de Janeiro: DP et Alii, 2015.

VIGOSTKY, L. S. A construção do Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Recebido em: 15.08.2017

Aceito em: 18.08.2018